

**Heitor Ferraz**

Não consigo encontrar uma resposta satisfatória. Qualquer que uma que esboce no papel, em alguns minutos perde a força da convicção. Talvez, no fundo, nem eu mesmo me convença da necessidade de escrever. A pergunta, assim formulada para um inquérito de revista, em primeira pessoa, como se eu mesmo me perguntasse quais as motivações que me levam a escrever, não me permitem uma saída ampla e objetiva do tipo “por que escrever”, ou seja, algo impessoal que vasculhe a função da poesia na vida moderna. Caíndo na área do papel em primeira pessoa, sou obrigado ao refúgio da subjetividade da resposta, a procurar algo pessoal que me motive a escrita. É onde a porca torce o rabo e o poeta se esboroa sem respostas convincentes.

Recorro então ao passado, ao primeiro momento da escrita, quando eu ainda era adolescente e passei a me interessar por poesia – meu interesse era claro: era basicamente por poesia, tudo que me caísse em mãos em forma de verso, pois não tinha ainda a dimensão de que a poesia não precisa estar em versos para ser poesia e nem tudo que está em verso é necessariamente poesia. Se me caísse em mãos um ensaio, um pequeno ensaio, ou comentário marginal, escrito em versos (algo que Augusto de Campos sempre gostou de fazer), eu lia aquilo como sendo poema, sem maiores questionamentos. Mas de qualquer modo, posso pensar que no princípio, quando era apenas um adolescente, escrevia por uma necessidade vital. Se não tivesse escrito naqueles anos, talvez não tivesse sobrevivido a mim mesmo. E estaria bem quieto, ao lado do meu avô, numa daquelas ruelas do cemitério da Quarta Parada.

Não posso dizer que essa necessidade vital tenha passado completamente. Ela ainda me perseguiu durante muito tempo, no

entanto, fui agregando algumas outras preocupações – mas, confesso a fraqueza, quase todas de ordem pessoal. Não faço parte de uma geração histórica que tinha um projeto definido, que seguisse esse projeto como fonte de contestação da ordem estabelecida. É uma geração sem projetos, num mundo besta. E continua sendo, infelizmente para nós. Hoje, mergulhados no mercado de trabalho, a consciência dessa fragilidade só tende a crescer. E somos fatalmente atraídos pelo horrível.

A partir dos primeiros poemas, no entanto, fui percebendo a necessidade de expandir meu campo de ação, de descobrir maneiras de penetrar nas camadas difusas da vida cotidiana de um brasileiro de classe média. Neste momento, sei que a poesia de Francisco Alvim foi bastante importante para mim, quase que de forma didática ensinando-me a ouvir o coro de vozes da sociedade brasileira e toda a nossa herança pesada. Mas também sabia que não poderia colar minha poética na de Alvim: seria cair na imitação pura e simplesmente; assim como a de Cabral, a cópia de Alvim é estridente e dá muitas vezes em patacoada. Foi época de muitas leituras, leituras de poetas brasileiros e estrangeiros, vozes diferentes que também tratavam do cotidiano, como o francês Jacques Roubaud, de uma objetividade meio abestalhada, mas bastante eficaz, ou a portuguesa Adília Lopes, com uma poesia cruel disfarçada de ingênua e simples (Adília é do time dos poetas que pedem leitura do avesso, decifrada, como foi Baudelaire).

De um tempo para cá, não encontro mais resposta possível a esta pergunta. Já não sei mais por que escrevo, pois na verdade venho escrevendo cada vez menos e com menor interesse. É como se o projeto “poesia” tivesse falhado, estivesse dando erro no sistema o tempo inteiro. Não estou preocupado em encontrar a minha voz – essa não existe, está diluída em milhares de outras vozes, vozes de poetas, vozes de amigos, vozes que ouvi de passagem quando estava indo para o trabalho. Cheguei a pensar a fazer poemas improvisados, deixando a mão correr pelo computador, bastando-me apenas esse barulho dos dedos no teclado (vim da máquina de escrever e ainda bato com força sobre cada tecla), essa música esquisita. A pura alienação da voz e dos dedos. Mas se algum objetivo resiste, é o de conseguir trabalhar com essa realidade difusa do presente, deixando o cotidiano mais bocó entrar numa migalha de memória e transformá-la num farelo qualquer de experiência possível. Ou ainda, um registro, não menos canhestro e obscuro, dessa experiência que não se consolida, nem mesmo se deixa flagrar com alguma intensidade. Quando não se tem um projeto claro, toda resposta sobre o assunto se torna imprecisa e vaidosa. Nada mais.